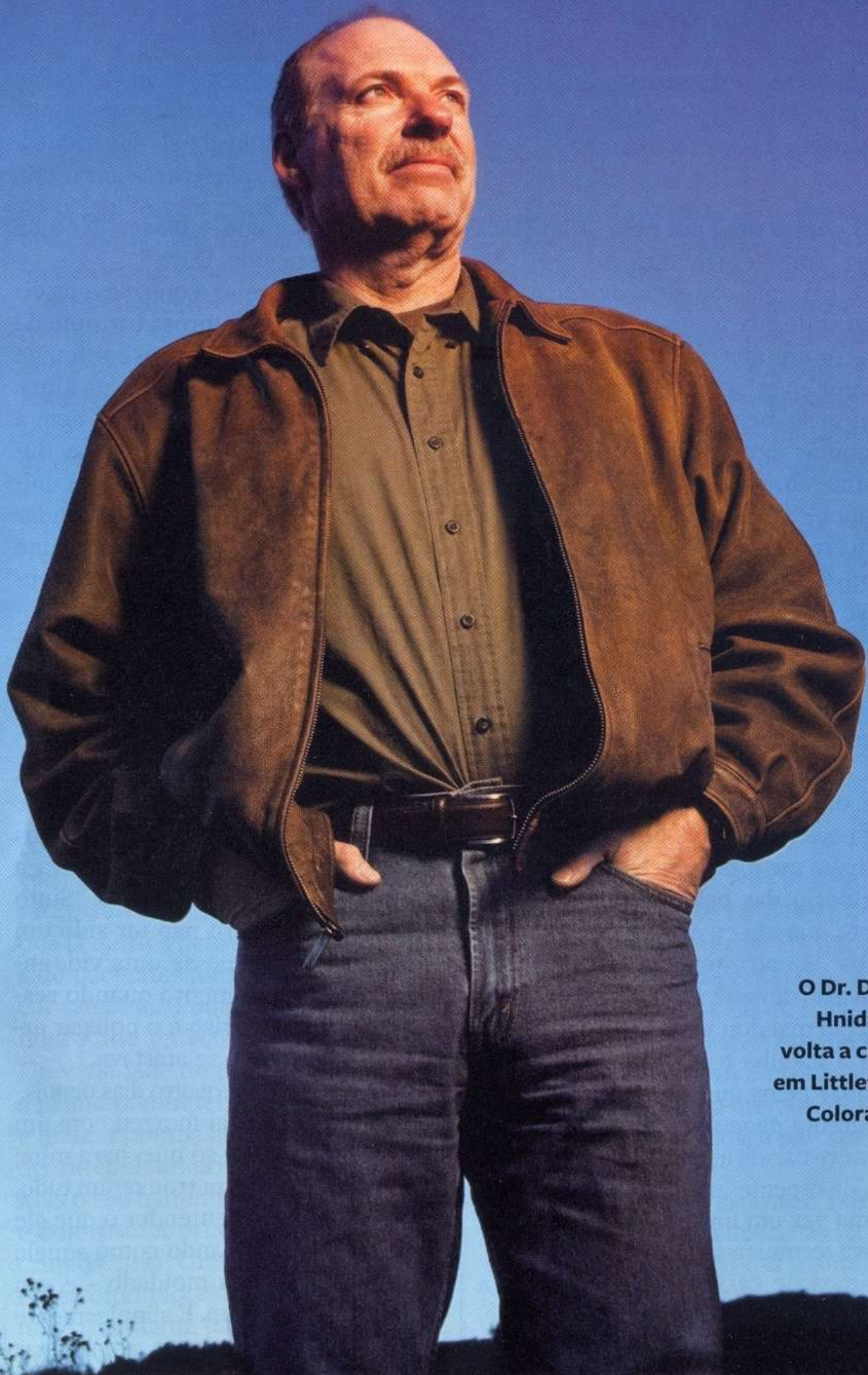


*Livro do mês*

# Ordens médicas

Dave Hnida trocou  
o trabalho como  
médico de família  
pela linha de frente  
no Iraque e encontrou  
a paz pessoal

RETIRADO DE *PARADISE GENERAL*,  
DO DR. DAVE HNIDA



**O Dr. Dave  
Hnida de  
volta a casa,  
em Littleton,  
Colorado.**

**Falei com o meu pai pela última vez** numa noite escaldante de abril de 2004. Foi uma conversa desigual. Ele morrera de infarto quase 30 anos antes. Mas foi um dos principais responsáveis por eu estar escondido numa vala arenosa no meio do Iraque, e precisava lhe contar algumas coisas antes que eu mesmo morresse. Meu pai foi um bom homem, embora até alguns dias antes da sua morte eu nem sempre pensasse assim. Operário e trabalhador, tomava quase um litro de uísque barato por dia, e por isso sempre tentei entender por que um homem sentiria necessidade de recorrer à segurança de uma garrafa. Eu tinha minhas ideias e teorias, mas nunca me coloquei no lugar dele, ou, nesse caso, no posto dele. Foram necessárias três horas numa vala para que me fosse revelada a razão de o armário das bebidas estar sempre aberto quando eu era menino.

Aos 23 anos, tenente de infantaria em Anzio durante a 2ª Guerra Mundial, meu pai mandou vários outros rapazes para a batalha e nunca conseguiu se perdoar pelos que não voltaram. Esse integrante daquela grande geração se manteve calado a respeito da guerra até que, de repente, arrolhou a garrafa pela última vez em fins de 1975, quando eu estava terminando a faculdade.

Íamos de carro de Newark para a Filadélfia, pela New Jersey Turnpike, quando ele jogou duas moedas no

guichê do pedágio e disse: “Não há pedágio nesta vida, Dave.”

Só entendi direito o que ele quis dizer quando uma dolorosa torrente de lembranças da guerra transbordou de repente, vinda do fundo de sua alma. Ele nunca contara a ninguém, nem à minha mãe, as suas experiências durante o combate. Eu era o típico universitário que se achava capaz de lidar com tudo o que o mundo ousasse me lançar, mas mantive um silêncio humilde enquanto cada virada do odômetro me trazia uma descrição nova e terrível da selvageria da guerra.

Uma hora depois, a viagem terminou com um silêncio exausto quando ele me deixou diante do meu prédio, perto da Universidade da Pensilvânia. Apertamos as mãos, nos despedimos e só. Ou quase. Enquanto fechava a janela, meu pai disse baixinho: “Sinto muito, Dave. Espero não ter sido um pai ruim.” Salvei-me de uma vida inteira de arrependimento quando respondi com um sorriso e o polegar erguido enquanto ele se afastava.

Morreu de infarto quatro dias depois.

Acho que meu pai morreu com um pouco mais de paz, só que, para mim, as histórias da guerra trouxeram tudo, menos paz. Tentei entender o que ele me contara, imaginando como aquela experiência o tinha moldado – e, em consequência, a mim. E simplesmente não conseguia esquecer as últimas

palavras que me dissera, quase um pedido de perdão. As décadas que se seguiram àquela viagem de carro foram se esvaindo, mas não as histórias; estas pareciam fervilhar sob a superfície da minha vida. Terminei a faculdade de Medicina, me casei e constituí família.

Mas, enquanto observava meus quatro filhos crescerem, uma ideia – de que o único modo de aprender o que levara meu pai a agir daquela maneira seria deixá-los e ir para a guerra também – estava sempre ali comigo.

Então houve dois fatos que abalaram o meu mundo. O primeiro aconteceu em 1999: os tiros dados por um aluno na escola de Columbine. Meu

masculino piorou e, pouco depois do fim da temporada, o pesadelo de todos os pais se realizou: Katie foi estuprada por um colega de time.

Minha vida virou um poço sem fundo cheio de culpa, e parecia que a única maneira de me reerguer seria cumprir penitência: fazer algo para proteger, ajudar, salvar os jovens do mundo. As lembranças da experiência do meu pai voltaram e eu soube onde seria necessário, onde poderia ajudar, onde encontraria a paz: na guerra.

**Então, num caso clássico de “tome cuidado com o que deseja”, lá estava eu deitado numa vala ao lado de uma estrada anônima perto de uma aldeia**

## “Vai nos matar a todos, **a não ser que se abaixe, senhor.**”

consultório ficava ao lado da escola; eu conhecia a maioria dos alunos, pais e professores; e, mais importante ainda, dos 13 mortos pelos tiros, nove tinham sido pacientes meus. Quando caíram, caí também. Pouco depois, a minha filha Katie entrou para a história da Universidade do Novo México ao ser a primeira mulher a entrar em campo e marcar pontos num importante jogo de futebol americano universitário. Mas o seu caminho pioneiro foi longo e doloroso. A princípio, Katie fora recrutada pela Universidade do Colorado como *placekicker*, ou chutadora, mas o ambiente para uma mulher que praticava um esporte tradicionalmente

cujo nome não conseguia pronunciar. Era uma linda noite no deserto, com uma lua tão brilhante que me transformava numa silhueta perfeita.

“Doutor!” A voz veio de trás, num sussurro. “Abaixe-se e se esconda!”

Um sargento jovem e magro se esgueirara em silêncio até o meu lado. “Vai nos matar a todos, a não ser que se abaixe, senhor.”

Ele tinha razão. Lá estava eu, um médico de 48 anos, bem instruído na medicina mas sem noção das manhas da guerra. E afortunado por receber aulas de um professor de 23 anos com um enorme fuzil automático M4. Aquele

garoto tinha a mesma idade do meu pai quando se esgueirava pela Itália.

Na verdade, minha noite na vala começara horas antes de o sol se pôr. Depois de levar um rebelde iraquiano ferido a um hospital de combate britânico, estávamos voltando quando um dos nossos veículos enguiçou. A avaria só nos dava a opção de sentar e esperar ajuda. E esperamos, observando o sol desaparecer e a escuridão chegar.

churrasco. Ordens sussurradas chegaram até nós. Travar e carregar. Soltar a trava. Vamos lá! Então, sem aviso, um trovão explodiu rugindo pela estrada, superando os barulhos vindos do mato. O chão começou a tremer e achei que o meu mundo ia chegar ao fim. Estava enganado. Embora não fosse um momento “John Wayne”, a cavalaria veio tropejando nos salvar: meia dúzia de caminhões com armas pesadas e um enorme caminhão-reboque na reta-

## Inspirando fundo para tomar coragem, empurrei a porta da emergência.

Não demorou para cair em ouvidos errados a notícia de que um comboio americano estava perdido numa estrada isolada. A princípio, mal conseguíamos ver, e depois apenas ouvir, passos furtivos nos campos que escureciam e nas valas que corriam dos dois lados da estrada. Os empreiteiros dos caminhões de combustível se amontoaram enquanto os soldados formavam um círculo de proteção. Instalei-me no meu lugar na vala, segurando um fuzil M16, e esperei. Então escutei o barulho de rastros lentamente se tornar mais alto. Sou médico. Que diabos estou fazendo aqui? E o que os meus filhos farão quando receberem a notícia de que morri?

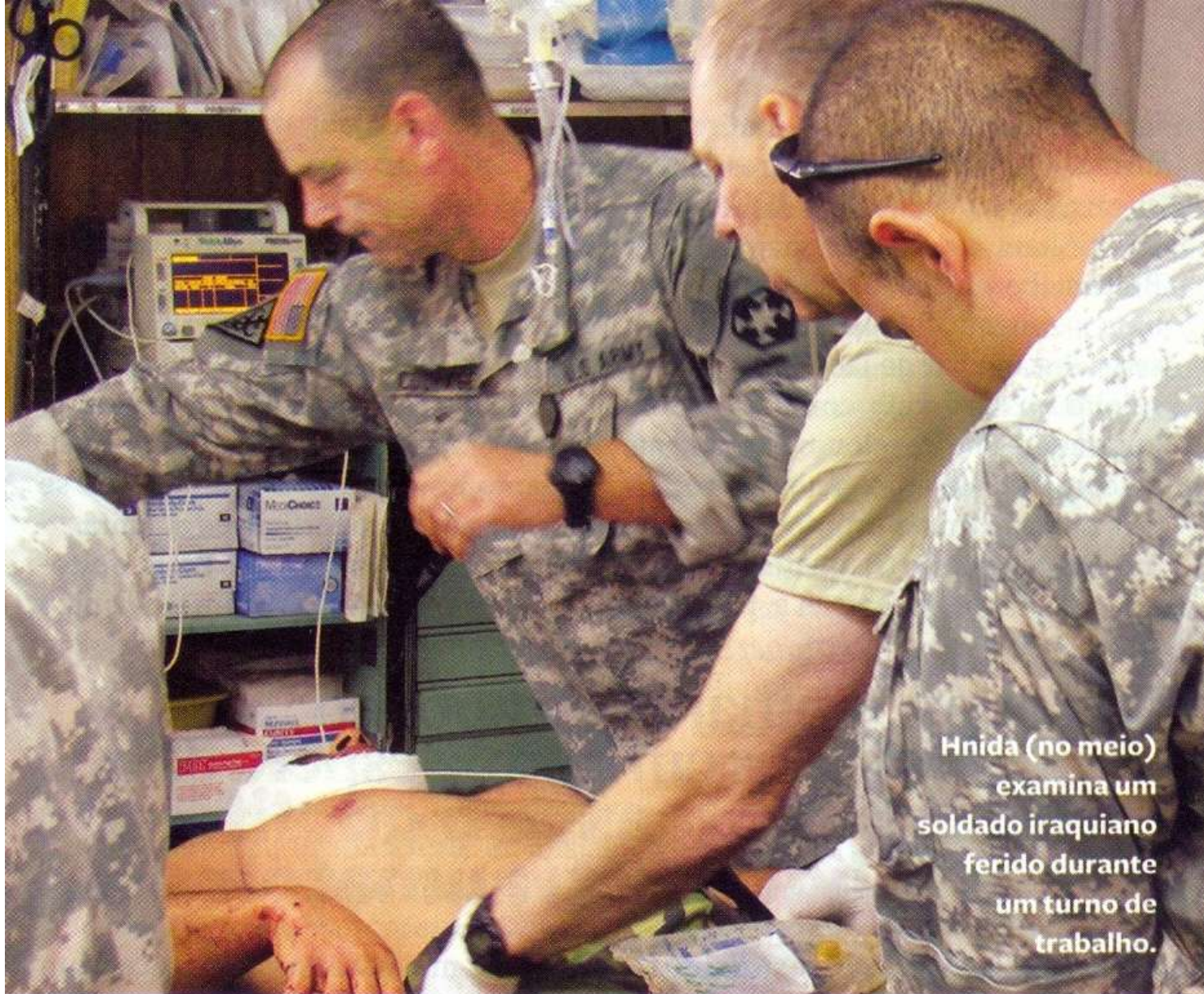
As vozes vindas do campo ficavam mais altas. Dei uma olhada nos caminhões de combustível, sabendo que seriam atingidos primeiro, e me perguntei se levaria um tiro antes de virar

guarda. Cautelosamente, nos levantamos e fomos até os salvadores, com sorrisos de alívio no rosto.

Enquanto, com as pernas trêmulas, eu andava até o jipe com o meu sargento, aquele jovem magro, pedi desculpas várias vezes por atrapalhar tudo ao nos escondermos na vala.

Só quando o jipe já seguia para a base é que percebi: o jovem sargento me respondera com um sorriso e o polegar erguido.

**Não sabia o que me esperava quando** vi o Paradise General pela primeira vez. O hospital ficava localizado dentro da cavernosa COB Speicher (COB significa “Contingency Operating Base”, ou base operacional de emergência) – o novo nome militar daquelas imensas e monstruosas bases que provavelmente ficarão por ali para sempre. A



Hnida (no meio) examina um soldado iraquiano ferido durante um turno de trabalho.

COB abrigava as principais operações da 82ª Divisão Aerotransportada e da 25ª Divisão de Infantaria, e o 399º hospital de apoio ao combate era um pontinho na sua periferia. Eu sabia que não seria nenhum Johns Hopkins, mas não estava preparado para um “hospital” que se limitava a um grupo de barracas puídas escondidas atrás de muralhas de três metros de altura e um metro de espessura para nos proteger de foguetes e morteiros que os rebeldes despejavam sobre nós. Dos cinco hospitais de apoio ao combate que havia no Iraque na época, todos tinham prédios normais e telhados rígidos, menos um: o nosso. A equipe de apoio, com mais de 200 integrantes, já

estava no país fazia um ano e passara por três rodadas de médicos.

Durante os meus anos de estudo e preparação, tive muitos primeiros dias; mas aquele foi de longe o pior. A cada passo que eu dava na direção do hospital, queria recuar dois. Inspirando fundo para tomar coragem, empurrei a porta da emergência.

Perambulei pelo local, apertando as mãos de cada um dos paramédicos que descansavam em espreguiçadeiras; todos tinham idade para ser meus filhos. Depois vieram os enfermeiros; em casa, a maioria deles trabalhara em unidades de pronto-socorro e, provavelmente, tinha no dedo mindinho mais conhecimento sobre traumato-

logia do que eu no corpo inteiro. Por último, vieram os enfermeiros-chefes encarregados do departamento. Ambos tinham o posto de major. Roger Boutin, bombeiro e enfermeiro em uma pequena cidade de Massachusetts, era auxiliar de Jack Twomey, um sujeito austero cujo comportamento imponente me revelou ser ele firme no comando da emergência. Twomey fora enfermeiro no pronto-socorro de um dos centros de traumatologia mais movimentados de Boston e, provavel-

porta. Era um rapazola magro com um tom cinzento e doentio na pele. A perna apontava irregularmente, num ângulo antinatural. E uma atadura grossa no pescoço estava encharcada de sangue. Devia ser um ferimento na carótida ou na jugular. Quando a maca entrou na baia, os paramédicos correram para aplicar soro intravenoso enquanto eu fitava as bolhinhas que se formavam na superfície da atadura.

Na minha cabeça, a sala ficou totalmente às escuras, com um único foco brilhante de luz concentrado em

## **Todos os olhares do público cravados em mim, à espera de que eu personificasse o qualificado líder da traumatologia.**

mente, conseguiria cuidar sozinho daquele departamento.

Não demorou a chegar pelo rádio a notícia do meu primeiro caso americano de trauma: um soldado atingido no pescoço pelo tiro de um francoatirador. Estimativa de chegada: 20 minutos. Saí correndo até a baia Alfa e ocupei o meu lugar na frente, onde pararia a maca. Enquanto calçava as luvas e punha os óculos de trabalho, vi o nosso pequeno pronto-socorro se encher. A notícia corre depressa quando um americano chega, e todos os médicos, escriturários, administradores e membros das equipes vieram às pressas. Até os médicos que tínhamos substituído chegaram do alojamento.

Houve um surto de movimentação na sala quando a maca entrou pela

mim no meio de um vasto palco, com todos os olhares voltados para mim, à espera de que eu personificasse o qualificado líder da traumatologia. Eu deveria estar concentrado no rapaz na maca, mas não; em minha cabeça, a questão era se eu estaria ou não à altura da tarefa de me apresentar na Broadway do pronto-socorro.

Simplemente, eu não sabia por onde começar - ou talvez soubesse, mas não conseguia. E fiquei ali de pé, apenas olhando. Enquanto isso, o major Twomey, ao pé da maca, esperava que eu comesse a avaliação do paciente, descrevendo, na ordem, situação das vias aéreas, respiração, circulação e nível de consciência. Estava tudo nos livros, mas eu não conseguia me lembrar de uma palavra sequer.

Então, o mar se abriu de repente quando uma massa de médicos enxa-meou em volta do paciente, cada um com a sua ideia do que precisava ser feito. Sozinho numa guerra, fui literalmente empurrado da frente da maca enquanto os demais se amontoavam na baia. Não havia rostos familiares para me dar apoio nem orientação quando os médicos que logo partiriam ordenaram aos paramédicos que levassem o paciente para a cirurgia.

Afastei-me da porta de pano da entrada do pronto-socorro e encontrei um lugar tranquilo entre duas baracas. Eu era novo, não sabia onde estava, mas meu estômago nem quis saber. Primeiro vomitei o café, depois bile, seguida por uma série de ânsias violentas. Limpei os resíduos pútridos da minha farda. Não consigo fazer isso. Vou prejudicar alguém.

**Eu tinha duas opções: ir embora** alegando alguma doença ou enfrentar o ritmo dos meus colegas médicos. A resposta veio na forma de uma pergunta: se essa dúvida fosse dos meus filhos, o que eu os mandaria fazer?

Dei meia-volta, entrei no pronto-socorro e fui direto ao major Twomey.

- Podemos conversar lá fora?

Ele concordou e seguiu na minha frente até o heliporto.

- Eu estraguei tudo. Foi péssimo.

- Não foi uma tentativa muito organizada, mas você não estragou nada.

- Sei quando ajo errado. E essa foi uma das vezes. Passaram por cima de mim.

- Olhe, você não estaria aqui se não fosse capaz de fazer o serviço.

- Então me ajude. O que posso fazer para melhorar?

- É fácil. Assuma o comando. Não deixe ninguém atravessar aquela linha vermelha enquanto não estiver pronto. Pare um instante e olhe uma coisa só. Temos um camarada que deveria estar morto, mas não está. Portanto, você não cometeu um erro fatal. Basta ser o chefe. O pronto-socorro é seu quando você está na frente da maca.

- Obrigado. E me desculpe.

- Não há por que se desculpar. É por isso que falamos em prática da medicina.

Uns 15 dias depois, cheguei ao ponto de não me preocupar demais com a minha capacidade, quer cuidasse de alguém que perdera as pernas, quer de alguém que rompera os tímpanos e sangrava por causa de uma bomba de fabricação caseira. Mas, quando acabava, era obrigado a assistir à reprise mental dos meus passos e decisões.

Na noite da véspera, um ferimento causado por um tiro me fez pensar nas maneiras de falar do "ar". Inspiramos, soltamos, prendemos, largamos, guardamos, ficamos sem... as combinações não param. E essas combinações dominavam minha mente enquanto eu observava um jovem soldado ofegante. Ao examiná-lo, não conseguia parar de pensar no que os seus pulmões tentavam fazer. Um ato simples no qual quase não pensamos. Mas, para aquele rapaz, eu rezava que conseguisse mais uma vez. E outra. E ele conseguiu.

Os ferimentos daquela guerra eram cruéis, sem dúvida, mas não piores do que os que o meu pai viu nem do



que os sofridos pelos soldados que jaziam dois dias no campo durante a 1ª Guerra Mundial, nem, aliás, do que os de qualquer outra guerra, desde que alguém decidiu inventá-la.

Sabia que todos, em casa, viam e ouviam falar das mortes e dos ferimentos; mas, na tela ou por escrito, tudo era estéril e higienizado.

Só números. Eles não tinham de tomar as decisões que tomávamos. Salvar o braço? A perna? O soldado?

Só tínhamos segundos para decidir o que definiria o restante da vida de alguém e, por sua vez, a vida dos entes queridos que cuidariam dele. Com todos os avanços que já houve na medicina militar, jogávamos com regras novas, e com elas veio um novo conjunto de dilemas. Víamos soldados que, em guerras passadas, teriam morrido logo no campo de batalha; no Iraque, eles nos chegavam aleijados, cegos ou com lesões cerebrais traumáticas. Salvá-los com os seus horríveis ferimentos ou deixá-los morrer em paz? Para nós, a regra tácita era sempre salvá-los.

E, quando os dias de trabalho findavam, nos sentávamos como uma família à mesa do jantar e conversávamos sobre coisas belas e pacíficas. Nunca houve sequer uma única palavra agressiva entre nós. Costumávamos conversar sobre família, beisebol, uma cerveja geladíssima transbordando num copo alto. Fomos feridos pelo que fizemos e pelo que vimos.

Mas não mais do que aqueles de quem cuidamos. Alguns dias antes, conversei com um sargento carrancudo que acompanhara um soldado

ferido num tiroteio em Baquba. Olhei suas pernas e braços e percebi que ele tinha torniquetes frouxamente amarrados nos quatro membros, assim como o restante do pelotão.

“Doutor, qualquer dia desses seremos atingidos. É melhor já ter os torniquetes no lugar com antecedência. Assim, só é preciso apertar se acontecer algo ruim.” Ele deu um risinho sinistro. “Vai lhe poupar trabalho, senhor.”

O máximo que pude fazer foi concordar, com ele e com os outros. Muitos outros.

**Quem observasse de longe pensaria** que éramos um grupo de crianças crescidas demais que iam ao circo ou ao parque de diversões. Oito médicos gritando, rindo e roubando o chapéu uns dos outros, se preparando para embarcar no caminhão rumo ao campo de pouso e ao primeiro trecho da nossa viagem de volta. Após três meses ali, alguns não aguentavam mais, outros sabiam que voltaríamos, mas nada disso importava. Estávamos todos inteiros e íamos para casa visitar nossos entes queridos. Só quando olhamos o hospital ao longe é que os risos foram morrendo. Dois helicópteros de evacuação médica com feridos pousavam no heliporto. Eram pontos no céu, mas todos sabíamos qual era a carga preciosa a bordo.

Conforme aumentava a distância entre nós e a base, percebemos que retornaríamos àquele lugar muitas vezes nos próximos anos, viajando de volta em sonhos suados nas noites mais escuras. Hoje sei o que meu pai, e todo

homem e mulher que viu os horrores da guerra, sabia: podemos deixar a guerra, mas ela não nos deixa nunca.

Cerca de uma semana depois, estávamos no aeroporto de Atlanta, onde nos separaríamos para ir para casa. Talvez a nossa despedida, pelo menos para um observador casual, parecesse esquisita, entrecortada e rápida. Mas um meio sorriso, um franzir de olhos e um quase imperceptível sinal de cabeça falavam de forma profunda e atenciosa. Tínhamos passado a vida toda juntos em apenas alguns meses e não precisávamos de palavras para transmitir os nossos sentimentos. Sabíamos que, na vida, nunca mais ficaríamos tão próximos de outro grupo.

### **O sol nascente refletido no sopé das**

Montanhas Rochosas era lindo naquela manhã de início de maio. Ergui os pés na mesma espreguiçadeira, como fizera havia um tempo que parecia uma vida inteira; inspirei o aroma da grama cortada na noite da véspera e coberta de orvalho. Fazia silêncio; era uma hora perfeita para conversar com meu pai.

Já fazia quase oito meses que eu voltara do Iraque e vinha me ajus-

tando aos poucos à vida no mundo civil. Disse a ele que era bom estar em casa, mas que ainda lutava para entender como o Iraque me modificara, ou se algo que eu fizera mudara o Iraque. Podem se passar anos até que eu chegue a alguma conclusão, se é que algum dia chegarei.

Nunca acreditei que é preciso ir à guerra para servir ao meu país; essa opção foi minha e somente minha. Mas fui criado para acreditar que é importante servir de alguma forma, e que há várias maneiras de fazer isso, seja trabalhando como voluntário numa cozinha, seja apenas sendo um bom vizinho. Meu pai me mostrou isso quando abriu mão dos sábados a fim de fazer espetáculos de mágica para as crianças que moravam nos bairros mais pobres de Newark, ou quando saía cedo no domingo para dar carona até a igreja a uma viúva idosa.

Agradei a ele a lição.

Também agradei ter me ensinado a importância da honra, da integridade e da humildade, além de me aconselhar a nunca ter medo de pedir ajuda nem de estender a mão para ajudar. Percebi que, décadas depois, suas palavras tinham me salvado no Iraque.

### TROCA DE PAPÉIS

**Pouco antes de** meu irmão se casar, meu marido e eu nos oferecemos para tomar conta do cachorro dele durante sua lua de mel. No entanto, me perguntei como seriam aquelas semanas quando o ouvi dizer à mamãe que nós não estávamos acostumados a ter um cachorro e que o cachorro não estava acostumado a sê-lo! *Jackie Dennis, Canadá*

